

**USOS MÚLTIPLOS DE PLANTAS DO CERRADO: UM ESTUDO
ETNOBOTÂNICO NA COMUNIDADE SÍTIO PINDURA, ROSÁRIO OESTE,
MATO GROSSO, BRASIL**

Déborah Luíza Moreira*

Germano Guarim-Neto

Depto. de Botânica e Ecologia. Instituto de Biociências. Universidade Federal de Mato Grosso. 78 060-900 – Cuiabá - MT.

Correio eletrônico: demoreiranx@yahoo.com.br; guarim@ufmt.br

RESUMO

Em virtude do impacto causado pela agropecuária e pelo acelerado processo de industrialização, a flora do Cerrado vem sendo profundamente alterada, assim como a cultura popular das pessoas que vivem desse bioma, pelo avanço da cultura moderna. Neste contexto, sob o enfoque da etnobotânica, o presente trabalho tem o objetivo de ampliar o conhecimento sobre as espécies e famílias botânicas com potencial de uso no cerrado. A presente pesquisa foi realizada na Comunidade Sítio Pindura, no Município de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil (lat. 14° 49' 41" S, e long. 56° 24' 51" W). Foi utilizada a técnica de "bola de neve" (snow ball), para a escolha dos 35 informantes. Para coleta dos dados foram usadas entrevistas semi-estruturadas, questionários, e percursos em trilhas no cerrado com moradores da Comunidade. No levantamento etnobotânico foram catalogadas 142 espécies, pertencentes a 123 gêneros e distribuídas em 60 famílias botânicas. As espécies vegetais foram incluídas em diversas categorias de uso, tais como: alimentar,

construção civil, lenha, medicinal, mourões e cercas, entre outras. Foi constatado um grande conhecimento sobre a flora do cerrado, através da intensa utilização de plantas nativas pelos moradores locais. O saber local sobre os recursos vegetais do cerrado tem origem nas adaptações humanas e interações com o ecossistema, conhecimento adquirido através de observações e vivências com o meio ambiente, e que possibilita um saber ecológico que é materializado em suas práticas cotidianas.

Palavras-chave: Flora, Cerrado, Múltiplos usos, Etnobotânica.

RESUMEN

Debido al impacto causado por la agropecuaria y por el acelerado proceso de industrialización, la flora de las sabanas está siendo profundamente alterada, así como la cultura popular de este bioma por el avance de la cultura moderna. En este contexto el presente trabajo tiene el objetivo de ampliar el conocimiento sobre las especies y familias botânicas con potencial de uso en el

**Bolsista CAPES.*

cerrado dentro del contexto etnobotánico que presupone la relación establecida entre seres humanos y plantas. Este estudio fue realizado en la comunidad “Sítio Pindura”, en el municipio de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil (lat. 14° 49’ 41” S, e long. 56° 24’ 51” W). Para la colecta de datos fue utilizada la técnica *snow ball*, donde fueron entrevistados 35 informantes, en entrevistas semiestructuradas, cuestionarios y recorrido de trillas en la región con habitantes de la comunidad. Fueron catalogadas 142 especies, pertenecientes a 123 géneros y distribuidas en 60 familias botánicas. Las especies vegetales fueron incluidas en diversas categorías de uso, tales como: medicinal, alimentaria, leña, construcción, vigas y cercas, entre otras. La comunidad reveló un gran conocimiento sobre la flora de la sabana, a través de la intensa utilización de plantas nativas en su cotidiano. Así, los datos reflejan que este saber local sobre los recursos vegetales de las sabana tiene origen en las adaptaciones humanas e interacciones con el ecosistema, conocimiento adquirido a través de observaciones y vivencias con el medio ambiente, posibilitando un saber ecológico que se materializa en sus prácticas cotidianas.

Palabras clave: flora, sabana, usos múltiples, etnobotánica.

INTRODUÇÃO

O bioma cerrado está localizado basicamente no planalto central do Brasil e é o segundo maior bioma do país em área, apenas superado pela floresta amazônica (Ribeiro & Walter, 1998). Segundo Mendonça *et al.* (1998) este bioma possui uma flora estimada em sete mil espécies.

Entretanto, o crescimento populacional e a demanda por mais alimentos, associados às condições edafo-climáticas favoráveis do cerrado, transformou essa região em importante área para atividades agropecuárias. O ritmo acelerado desta ação antrópica nas últimas décadas tem levado à perda de material genético vegetal nativo, praticamente desconhecido do ponto de vista científico (Viera & Martins, 2000).

Ainda há necessidade de estudos voltados para a identificação de plantas potencialmente úteis do cerrado, principalmente quando comparada à diversidade e à área ocupada. O desconhecimento de sua riqueza e possibilidades são graves lacunas, especialmente quando Ratter *et al.* (1997) estimam que cerca de 40% do bioma já tenha sido devastado e Kaplan *et al.* (1994) mostram que o cerrado possui somente 1.5% de sua extensão protegida por lei, sendo atualmente a vegetação em maior risco no Brasil. É preciso considerar que os recursos vegetais encontrados neste bioma, uma vez extintos, estarão indisponíveis às futuras gerações. Entre estes, por exemplo, pode-se considerar o recurso terapêutico oferecido pelas plantas medicinais (Guarim-Neto & Moraes, 2003).

Guarim Neto (2001) ressalta que o cerrado no estado do Mato Grosso apresenta-se ainda repleto de possibilidades de aproveitamento dos seus recursos vegetais, e os primeiros detentores desse conhecimento botânico são as populações locais que utilizam desses recursos vegetais.

Em virtude do impacto causado pela agropecuária e pelo acelerado processo de industrialização, a flora do cerrado vem sendo

reduzida, assim como a rica cultura popular, pelo próprio avanço da cultura moderna.

Neste contexto este trabalho tem o objetivo de ampliar o conhecimento sobre as espécies e famílias botânicas com potencial de uso no cerrado, tornando esta informação disponível a posteriores pesquisas.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo

O presente estudo foi realizado em uma zona rural conhecida por Sítio (comunidade) Pindura, distante cerca de 24 km da sede de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. O município de Rosário Oeste pertence à mesorregião Centro-Sul Mato-grossense, distante aproximadamente 124 km da Capital, Cuiabá, trafegando pela BR-163. Apresenta uma área de 8 530,37 km² de superfície territorial, localizando-se geograficamente entre 14°50' 10" S de latitude e 56°25' 39" W de longitude, a 192 m de altitude.

O número de habitantes está em torno de 18.450 com densidade demográfica de 2.17 hab/Km², sendo que 43% da população estão concentrados em zona rural (IBGE, 2000). As principais atividades econômicas do município são baseadas na agropecuária, acentuando-se o cultivo de arroz e milho, havendo, em menor escala, atividades não econômicas como a agricultura de subsistência (Ferreira, 2001).

A formação geológica do município caracteriza-se por coberturas dobradas do Proterozóico, Grupo Alto Paraguai e Cuiabá. Os solos predominantes são Podzólico vermelho amarelo (Tb Eutrófico abrupto A moderado, textura média/argilosa, relevo

suave ondulado) e Cambissolo (Tb Álico A moderado, textura média, relevo suave ondulado). O relevo é do planalto dos Guimarães, depressão rio Paraguai, província serrana, calha do rio Cuiabá (Ferreira, 2001).

A bacia hidrográfica relaciona-se as grandes bacias do Amazonas como a bacia do Prata Miranda & Amorim (2000). O município abriga as cabeceiras mais altas do importante rio Cuiabá. O clima é tropical quente e sub-úmido, com período de 5 meses de seca, a temperatura média anual é em torno dos 24° C e a precipitação anual em torno de 2000 mm. Pela classificação climática de Köppen pode-se caracterizar o clima local em Tropical de Savana (Aw).

Entre as fisionomias componentes do cerrado do município de Rosário Oeste estão o cerrado (*stricto sensu*), o cerrado de encosta, o cerradão, o campo-limpo, o campo-sujo, a mata ciliar (de cursos d'água no cerrado, temporários; das margens do rio Cuiabá, com feição florestal), a vereda/buritizal, o campo úmido, o campo de murundus (Guarim Neto *et al.*, 2007).

Métodos de coleta de dados

Foram utilizadas técnicas etnográficas correntes, sendo priorizado uma abordagem qualitativa na coleta de dados. Usando questionários estruturados, entrevistas semi-estruturadas e percursos em trilhas no cerrado, realizada com os moradores, diário de campo e gravação.

As categorias de uso amostradas na Tabela 1 e a aplicabilidade terapêutica das espécies medicinais tratada na Tabela 2 seguiram a classificação êmica.

No protocolo de campo, inicialmente foi feita uma visita para o reconhecimento da área de estudo, com o intuito de contatar moradores da comunidade para o desenvolvimento do estudo.

Foram entrevistados 35 informantes, incluídos na amostra através da técnica de bola de neve (snow ball) (Thiollent, 1994, Becker, 1993). Foram priorizados atores sociais como raizeiros, benzedeadas, antigas parteras, pessoas idosas e antigos moradores, com base nos pressupostos etnobotânicos de Martin (1995) e Alexiades (1996), que estabelecem critérios e formas dessa obtenção.

As visitas aos domicílios ocorreram nos períodos matutino e vespertino, e as entrevistas foram feitas de forma individual, na residência dos informantes.

Ao utilizar os recursos vegetais o ser humano estabelece uma relação com o ambiente, elaborando um conceito próprio de seus elementos, definindo as relações etnoecológicas locais entre ele e o ecossistema, através da valoração que dá as plantas. A relativa importância de cada uso para as plantas que conhece e que maneja são expressas por informações que apontam o grau de consenso entre os informantes para determinada espécie vegetal, ou seja, o valor de uso, refletindo as preferências das espécies mencionadas para os diversos usos particulares. Informações consensuais de valor de uso refletem a importância de cada uso ou espécie por informante, visto que, em um maior número de situações, é razoável assumir que o aumento de evidência sobre um dado uso ou planta refletirá, provavelmente, na menção destes (Phillips, 1996).

“Valor de uso de cada espécie” (**VU_{sp}**) representa a importância cultural das espécies.

Para calcular o “valor de uso” empregou-se:

a. O “valor de uso de cada espécie” (**U_{spi}**) por cada informante (*i*), dado como:

$$U_{spi} = \frac{\sum U_{spi}}{N_{spi}}$$

Onde, **U_{spi}** é o número de usos mencionados por informante *i* por espécie *sp* em cada evento, e **n_{spi}** é o número de eventos com o informante *i* por espécie *sp*.

b. O “valor de uso global de cada espécie” (**VU_{sp}**), dado como:

$$VU_{sp} = \frac{\sum VU_{spi}}{ns}$$

Onde, **ns** é o número de informantes entrevistado por cada espécie.

O valor de uso global das espécies foi calculado somente para planta citada por mais de um ator social.

O material botânico não identificado em campo foi identificado por meio de consulta a especialista, por meio de bibliografias especializadas e através da comparação com excisas do Herbário da Universidade Federal de Mato Grosso. A grafia dos taxa e dos autores foi conferida por meio da consulta à base de dados do Missouri Botanical Garden.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No levantamento etnobotânico foram catalogadas 142 espécies do cerrado, pertencentes a 123 gêneros e distribuídas em 60 famílias. A família botânica com maior número de espécies foi Fabaceae (19 espécies), seguida de Bignoniaceae (7 espécies) e Apocynaceae e Vochysiaceae com seis espécies cada (tabela 1).

As espécies vegetais catalogadas foram incluídas em diversas categorias de uso, tais como: medicinal, alimentar, lenha, construção, mourões/cercas, moveis e utensílio (Fig. 1). As categorias nas quais as plantas foram agrupadas correspondem às categorias éticas, nomeadas pelos pesquisadores.

A categoria de uso mais representativa foi a medicinal (122 espécies), como *Camarea ericoides* A. St.-Hil.(arnica), *Palicourea xanthophylla* M. Arg. (douradinha), *Simaba ferruginea* A. St.-Hil. (calunga), seguin-

do-se as espécies com uso alimentar (21 espécies), como *Hancornia speciosa* B.A. Gomes (mangaba), *Eugenia dysenterica* DC. (orvalho), *Ecclinusa ramiflora* Mart. (fruta-banana) e para lenha (21 espécies), como *Anadenanthera falcata* (Benth.) Speg. (angico), *Byrsonima coccolobifolia* Kunth (semaneira), *Dipteryx alata* Vogel (cumbaru). Sendo que 45 espécies pertencem a mais de uma categoria de uso.

As espécies usadas com finalidades medicinais muitas vezes pertencem também a outras categorias. Entre estas podemos citar *Dipteryx alata* Vogel (cumbaru), *Anadenanthera falcata* (Benth.) Speg. (angico), *Hancornia speciosa* B.A. Gomes (mangaba), mostrando assim uma multiplicidade de usos e maximização do recurso. A categoria medicinal é representativa em trabalhos realizados no estado de Mato Grosso, como apontam van den Berg (1980), Guarim Neto (1984; 1987; 1996), Duarte (2001), Morais (2003) e Xavier (2005).

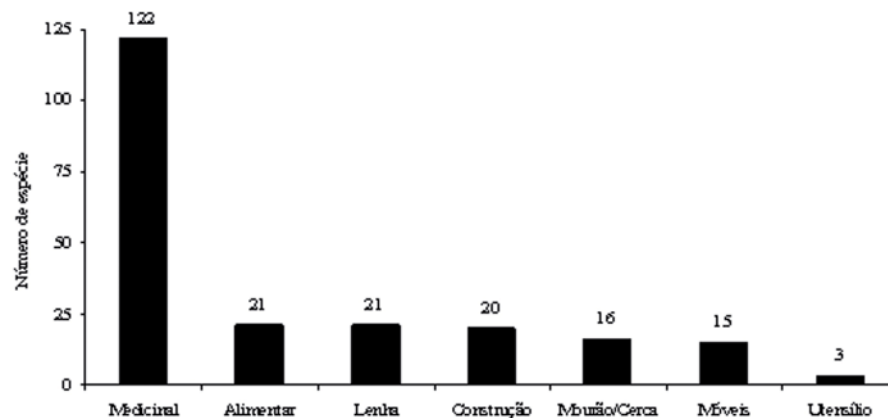


Fig. 1. Categorias de usos das espécies catalogadas no levantamento etnobotânico na Comunidade Sítio Pindura, Mato Grosso, Brasil.

Tabela 1. Espécies do cerrado utilizadas pela Comunidade Sítio Pindura, MT.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Categoria de uso	VUsp
Acopará	<i>Rhedia brasiliensis</i> (Mart.) Planch. & Triana	Clusiaceae	Me	1
Aguaçú	<i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng.	Areaceae	Me, A	1.14
Algodão-do-campo	<i>Cochlospermum regium</i> (Schrank) Pilg.	Cochlospermaceae	Me	1.25
Amburana	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	Fabaceae	Me, Mo	1
Amescica	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	Bursaceae	Me	2
Ananás, ananazinho	<i>Ananas sativus</i> Schult. & Schult. f.	Bromeliaceae	Me, A	1
Angélica, tibornia	<i>Himatanthus obovata</i> (M. Arg.) Woo	Apocynaceae	Me	1.33
Angico	<i>Anadenanthera falcata</i> (Benth.) Speg.	Fabaceae	Me, Le, MC, Mo	1.84
Angiquinho	<i>Calliandra parviflora</i> Benth.	Fabaceae	Me	1
Araçá	<i>Psidium firmum</i> O. Berg	Myrtaceae	Me, A	1.21
Arnica, arniquinha	<i>Camarea ericoides</i> A. St.-Hil.	Malpighiaceae	Me	1.21
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Anacardiaceae	Me, Le, Cç, MC	3.57
Assa-peixe	<i>Vernonia ferruginea</i> Less.	Asteraceae	Me	1.25
Azedinha	<i>Oxalis hirsutissima</i> Mart. ex Zucc.	Oxalidaceae	Me	1.16
Barbatimão-vermelho	<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart.	Bignoniaceae	Me	1.28
Barbatimão; faveira	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Fabaceae	Me	1.28
Batataão	<i>Holostylis reniformis</i> Duch.	Aristolochiaceae	Me	1.66
Birici, semaneira	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	Malpighiaceae	Me, A, Le	1.28
Birici, semaneira	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) Rich. Ex Juss.	Malpighiaceae	Me, A, Le	1.07
Bocaúveira	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Areaceae	Me, A, Ut	1.76
Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	Areaceae	Me, A, Ut	1.14
Bútua	<i>Cissampelos ovalifolia</i> DC.	Menispermaceae	Me	1
Caiaipiá, carapiá	<i>Dorstenia asaroides</i> Hook.	Moraceae	Me	1.18
Caíarana	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	Meliaceae	Me	1

Tabela 1. Continuação.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Categoria de uso	VUsp
Cajuzinho-do-campo	<i>Anacardium humile</i> A. St.-Hil.	Anacardiaceae	Me, A	1.3
Calção-de-velho	<i>Cordia insignis</i> Cham.	Boraginaceae	Me	1.33
Calunga	<i>Simaba ferruginea</i> A. St.-Hil.	Simaroubaceae	Me	1.46
Camará-amarelo, escorrega-macaco	<i>Vochysia divergens</i> Pohl	Vochysiaceae	Me, Cç, Mo	1.25
Caninha-do-brejo	<i>Costus arabicus</i> L.	Zingiberaceae	Me	1
Capim-barba-de-bode	<i>Bulbosylis spadiceus</i> (H. B. K.) Kuk.	Cyperaceae	Me	1
Capim-sapé	<i>Imperata brasiliensis</i> Trin.	Poaceae	Me	1.12
Capotão	<i>Salvertia convallariodora</i> A. St.-Hil	Vochysiaceae	Me, MC	1
Carandá	<i>Copernicia alba</i> Morong ex Morong & Britton	Arecaceae	Me	1
Carobinha	<i>Jacaranda decurrens</i> Cham.	Bignoniaceae	Me	1.15
Carrapicho	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Asteraceae	Me	1.08
Carvão-branco	<i>Callisthene fasciculata</i> Mart.	Vochysiaceae	Me, Cç, MC	1.42
Cedro	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Meliaceae	Me, Mo	1
Chá-de-frade, guaçatonga	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Flacourtiaceae	Me	1.27
Chapéu-de-couro	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schtdl.) Micheli	Alismataceae	Me	1
Chá-porrete	<i>Centaurium umbellatum</i> subsp. <i>austriacum</i> Ronn.	Gentianaceae	Me	1
Chico-magro	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Sterculiaceae	Me	1.1
Cinco-folhas	<i>Serjania erecta</i> Radlk.	Sapindaceae	Me	1
Cinco-folhas-do-campo	<i>Acosmium elegans</i> Vogel	Fabaceae	Me	1.08
Cipó-chumbo	<i>Cassytha filiformis</i> L.	Lauraceae	Me	1
Congonha, erva-molá	<i>Rudgea virbunioides</i> (Cham.)Benth.	Rubiaceae	Me	1

Tabela 1. Continuação.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Categoria de uso	VUsp
Coroa-de-frade	<i>Discocactus heptacanthus</i> (Barb. Rodr.) Britton & Rose	Cactaceae	Me	1
Cumba	<i>Craniolaria integrifolia</i> Cham.	Martyniaceae	Me	1
Cumbaru	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Fabaceae	Me, Le, Cç, MC, A	2.69
Douradão	<i>Palicourea rigida</i> Kunth	Rubiaceae	Me	1
Douradinha	<i>Palicourea xanthophylla</i> M. Arg.	Rubiaceae	Me	1.33
Embaúba	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Cecropiaceae	Me	1.18
Erva-molá	<i>Croton antisiphiliticus</i> Mart.	Euphorbiaceae	Me	1
Erva-de-passarinho	<i>Psittacanthus</i> sp.	Loranthaceae	Me	1.12
Figueira	<i>Ficus</i> sp.	Moraceae	Me	1
Fruta-do-lobo	<i>Solanum lycocarpum</i> A. St.-Hil.	Solanaceae	Me, A	2
Gerbão	<i>Stachytarpheta dichotoma</i> (Ruiz & Pav.) Vahl	Verbenaceae	Me	1.3
Gergilim-do-mato, angelim	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	Fabaceae	Me, MC, Cç, Mo	1.75
Gonçaleiro	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	Anacardiaceae	Me, MC	1
Gravatá	<i>Bromelia balansae</i> Mez	Bromeliaceae	Me	1
Hortelã-do-campo	<i>Hyptis cana</i> Pohl ex Benth.	Lamiaceae	Me	1.75
Insulina	<i>Cissus sicyoides</i> L.	Vitaceae	Me	1
Ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Bignoniaceae	Me, Cç, MC	2.25
Japecanga	<i>Smilax goyazana</i> A. DC.	Smilacaceae	Me	1
Jatobá	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Fabaceae	Me, Le, Cç, MC, Mo, A	2.78
Jequitibá, pilão-de-macaco	<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	Lecythidaceae	Me, Cç, Mo	1.4
João-da-costa	<i>Peixotoa hirta</i> Mart.	Malpighiaceae	Me	1.11

Tabela 1. Continuação.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Categoria de uso	VUsp
Lixeira	<i>Curatella americana</i> L	Dilleniaceae	Me, Le, Mo	1.92
Lixeirinha, lixinha	<i>Davilla elliptica</i> A. St.-Hil.	Dilleniaceae	Me	1.22
Malva-branca	<i>Waltheria douradinha</i> Saint-Hilaire	Sterculiaceae	Me	1.14
Mama-cadela; algodãozinho	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	Moraceae	Me, A	2.54
Mamica-de-porca; mama- de-porca	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Rutaceae	Me	1
Manacá	<i>Spiranthera odoratissima</i> A. St.-Hil.	Rutaceae	Me	1
Mangaba, mangava	<i>Hancornia speciosa</i> B.A. Gomes	Apocynaceae	Me, A	1.93
Mangava-brava	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Lythraceae	Me	1.18
Mão-de-anta	<i>Cybistax antisyphilitica</i> (Mart.) Mart.	Bignoniaceae	Me	1
Maquiné	<i>Zamia boliviana</i> (Brongn.) A. DC.	Cycadaceae	Me	1
Marcela	<i>Achyrocline satureoides</i> DC.	Compositae	Me	1.33
Marmelada-bola	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich. ex DC.	Rubiaceae	Me, Le, A	2.15
Marmelina	<i>Alibertia verrucosa</i> S. Moore	Rubiaceae	Me, A	1.33
Milho-de-cobra	<i>Taccarum weddellianum</i> Brongn. ex Schott	Araceae	Me	1
Morcegueira	<i>Andira cuyabensis</i> Benth.	Fabaceae	Me, Cç, Mo	2
Negramina (quente)	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Siparunaceae	Me	1
Nó-de-cachorro	<i>Heteropterys aphrodisiaca</i> O. Mach.	Malpighiaceae	Me	1.3
Paininha (3 folhas peq.)	<i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zucc.) A. Robyns	Bombacaceae	Me	1.11
Para-tudo, paratudinho	<i>Gomphrena officinalis</i> Mart.	Amaranthaceae	Me	1
Tripa-de-galinha, cipó- tripa-de-galinha	<i>Bauhinia glabra</i> Jacq.	Fabaceae	Me	1.1
Pata-de-vaca (cabeluda)	<i>Bauhinia rufa</i> (Bong.) Steud.	Fabaceae	Me, Le	1.28

Tabela 1. Continuação.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Categoria de uso	VUsp
Pata-de-vaca (lisa)	<i>Bauhinia</i> sp.	Fabaceae	Me	1
Paratudo	<i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standl.	Bignoniaceae	Me	1.41
Pau-d'óleo, oleiro	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Fabaceae	Me, Le	1.69
Pau-de-alho	<i>Gallea integrifolia</i> (Spreng.) Harms	Phytolaccaceae	Me	1
Pau-de-bicho (capitão-do-mato)	<i>Terminalia argentea</i> Mart.	Combretaceae	Me	1
Pau-doce	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	Vochysiaceae	Me	1.12
Pau-terra	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	Vochysiaceae	Me, Le	1
Pau-terra	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	Vochysiaceae	Me, Le	1.25
Pente-de-macaco	<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl.	Tiliaceae	Me	1
Pinduva, pimentinha	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	Annonaceae	Me, Le, Cç	1
Piqui	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess	Caryocaraceae	Me, A	1.46
Purga-de-lagarto	<i>Jatropha elliptica</i> (Pohl) Oken	Euphorbiaceae	Me	1
Gueiroba	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc	Arecaceae	Me	1
Quina	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Loganiaceae	Me	2.06
Rabo-de-caxinganga	<i>Phlebodium decumanum</i> (Willd.) J. Sm.	Polypodiaceae	Me	1.66
Raiz-de-bugre	<i>Byttneria melastomifolia</i> A. St.-Hil.	Sterculiaceae	Me	1
Rosquinha, saca-rolhas	<i>Helicteres sacarolha</i> A. St.-Hil., A. Juss. & Cambess.	Sterculiaceae	Me	1.11
Ruibarbo-do-campo	<i>Trimezia juncifolia</i> Klatt	Iridaceae	Me	1
Salsa-do-mato	<i>Herreria salsaparilha</i> Mart.	Smilacaceae	Me	1
Sangra-d'água	<i>Croton urucurana</i> Bail.	Euphorbiaceae	Me	1
Sené	<i>Chamaecrista desvauxii</i> (Collad.) Killip	Fabaceae	Me	1.5
Sete-sangria	<i>Euphorbia hyssopifolia</i> L.	Euphorbiaceae	Me	1
Siputá	<i>Salacia elliptica</i> (Mart. ex Schult.) G. Don	Hippocrateaceae	Me	1.07

Tabela 1. Continuação.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Categoria de uso	Vusp
Sucupira, fava, faveira	<i>Pterodon pubescens</i> (Benth.) Benth.	Fabaceae	Me, Le, MC, Cç	2.36
Sussuara	<i>Orthopappus angustifolius</i> (Sw.) Gleason	Asteraceae	Me	1
Tapera-velha	<i>Hypsis suaveolens</i> (L.) Poit.	Lamiaceae	Me	1
Tarumã	<i>Vitex cymosa</i> Bertero ex Spreng.	Verbenaceae	Me	1
Timati	<i>Myrcia albotomentosa</i> DC.	Myrtaceae	Me, Le	1.42
Timbó-mirim	<i>Serjania caracasana</i> (Jacq.) Willd.	Sapindaceae	Me	1
Urtiga, juá	<i>Solanum viarum</i> Dun	Solanaceae	Me	1.16
Velame	<i>Macrosiphonia velame</i> (A. St.-Hil.) Müll. Arg.	Apocynaceae	Me	1
Veludo-branco	<i>Guettarda viburnioides</i> Cham. & Schl.	Rubiaceae	Me	1.14
Verga-tesa, alecrim-do-campo	<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stelfeld & J.F. Souza	Bignoniaceae	Me	1.2
Vinhático	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	Fabaceae	Me, Le, MC, Cç	1.25
Ximbúva	<i>Euterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	Fabaceae	Me, Le, MC, Mo	2
Urubamba	<i>Desmoncus polyacanthos</i> Mart.	Areaceae	Ut	NC
Timbó	<i>Magonia pubescens</i> A. St.-Hil.	Sapindaceae	Le, Cç, MC	2
Mirindiba	<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichler	Combretaceae	Le	NC
Justa-conta	<i>Tachigali vulgaris</i> Aubl.	Fabaceae	Le	NC
Pururuca	<i>Casearia rupestris</i> Eichler	Flacourtiaceae	Le, Cç	NC
Carvão-vermelho	<i>Diptychandra aurantiaca</i> Tul.	Fabaceae	MC, Cç	NC
Sucupira-preta	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Fabaceae	MC	NC
Coração-de-negro	<i>Poecilanthe</i> sp.	Fabaceae	MC	NC
Peroba-mirim	<i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart.	Apocynaceae	Mo	NC
Peroba	<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.	Apocynaceae	Mo, Cç	NC
Guatambu	<i>Aspidosperma parvifolium</i> A. DC.	Apocynaceae	Mo, Cç	NC

Tabela 1. Continuação.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Categoria de uso	VUsp
Louro	<i>Cordia glabrata</i> (Mart.) A. DC.	Boraginaceae	Mo, Cç	NC
Guanandí	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	Clusiaceae	Mo, Cç	NC
Aricá, carijó	<i>Physocalymma scaberrimum</i> Pohl	Lythraceae	Cç	NC
Fruta-banana	<i>Ecclinusa ramiflora</i> Mart.	Sapotaceae	A	NC
Pé-de-perdiz	<i>Simarouba versicolor</i> A. St.-Hil.	Simaroubaceae	To	NC
Orvalho	<i>Eugenia dysenterica</i> Dc.	Myrtaceae	A	NC
Coroinha	<i>Compomanesia cambessedeanae</i> Berg.	Myrtaceae	A	NC
Araticum	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	Annonaceae	A	NC
Araticum	<i>Annona coriaceae</i> Mart.	Annonaceae	A	NC

Legenda = Categorias de uso: A = Alimentar; Le = Lenha; Cç = Construção; Me = Medicinal; MC = Mourões e Cercas; Mo = Moveis; Ut = Utensílio; VUsp = Valor de uso global de cada espécie; NC = Não calculado.

Guarim Neto (1985) ressalta o potencial da flora do cerrado do Estado de Mato Grosso, considerando o uso das espécies vegetais com diferentes finalidades, tais como, utilização da madeira, o valor medicinal e as com frutos comestíveis.

A Comunidade utiliza as espécies do cerrado com diversas finalidades, fazendo desde a extração de remédios como quina (*Strychnos pseudoquina* A. St.-Hil.), arnica (*Camarea ericoides* A. St.-Hil.), mangava-brava (*Lafoensia pacari* A. St.-Hil.), a coleta de frutos tais como o orvalho (*Eugenia dysenterica* DC.), a mangaba (*Hancornia speciosa* B.A. Gomes) o piqui (*Caryocar brasiliense* Cambess.), o uso de lenha, como a semaneira (*Byrsonima coccolobifolia* Kunth, *Byrsonima verbascifolia* (L.) Rich. ex Juss.), o angico (*Anadenanthera falcata* (Benth.) Speg.), e a fabricação de utensílios domésticos como peneiras e vassouras, utilizando o buriti (*Mauritia flexuosa* L.) e a bocaiúva (*Acrocomia aculeata* (Jacq.) Lodd. ex Mart.) como matérias primas.

Vale salientar a importância das espécies arbustivas e arbóreas como fonte de combustível (lenha), para preparar os alimentos. A busca da lenha no cerrado em geral é uma atividade feminina. As mulheres coletam ramos caídos no solo, confeccionando feixes desse material, que são amarrados e carregados até a moradia sob os braços ou na cabeça, esta protegida por pequena rodilha de tecido, para não machucar.

Atualmente, um dos grandes problemas das comunidades tradicionais do Centro-Oeste do Brasil, é a ausência de segurança alimentar, reforçada pela falta de mecanismos que promovam a geração de renda. Neste contexto o cerrado apresenta uma grande

riqueza de espécies negligenciadas que podem ser consideradas “plantas do futuro” (Agostini-Costa *et al.*, 2006).

Dentre as espécies nativas citadas para uso alimentar destacam-se o piqui (*Caryocar brasiliense* Cambess), a mangaba (*Hancornia speciosa* B.A. Gomes), o buriti (*Mauritia flexuosa* L.), o orvalho (*Eugenia dysenterica* Dc.), a fruta-banana (*Ecclinusa ramiflora* Mart.) muito apreciados pelos moradores, sendo obtidos através do extrativismo. As frutas do cerrado complementam a dieta alimentar do sitiante. Siqueira (1981); Guarim Neto (1985); Almeida & Silva (1994); Almeida *et al.* (1998); Proença *et al.* (2000) validam o potencial econômico das espécies frutíferas do cerrado para a vida e economia das populações humanas que habitam essas áreas.

Como planta tóxica foi apontada apenas a planta denominada popularmente de pé-de-perdiz (*Simarouba versicolor* A. St.-Hil.) que de acordo com os entrevistados não tem nenhuma utilidade. . “...Pé-de-perdiz não presta pra nada, esse é veneno, não presta pra remédio nem pra madeira, a lenha dele se a fumaça for no olho cega...” (mulher, 76 anos).

Os recursos vegetais do cerrado têm um papel importante na vida dos membros da comunidade pela diversidade de usos, manifestada na quantidade de espécies potencialmente econômicas que inclui as alimentícias, artesanal, medicinais, forrageiras, madeireiras, oleíferas, entre outros.

A riqueza de espécies do cerrado tanto da flora quanto da fauna é muito expressiva, representando cerca de 30% da biodiversidade brasileira (Eiten 1972; Ribeiro & Wal-

ter, 1998). O cerrado brasileiro está entre os biomas de maior diversidade florística do planeta com 6.249 espécies de plantas vasculares registradas até o momento (Mendonça *et al.*, 1998). Entretanto, em função da facilidade de desmatamento, boas condições de topografia e tipo de terreno, o cerrado representa a principal região brasileira, produtora de grãos e gado de corte. Com a ocupação das terras do cerrado para a produção agrícola mecanizada, as áreas nativas vêm sendo removidas em uma escala muito acelerada (Aguilar & Camargo, 2004). Myers *et al.* (2000) apontam que nada menos do que 80% da área original do cerrado já devem ter sido convertidas para áreas antrópicas, restando apenas 20% de áreas consideradas originais ou pouco perturbadas. Tal situação também pode ser percebida nos remanescentes de cerrado do município e Rosário Oeste, onde a necessidade de implantação de unidades de conservação de uso sustentável é extremamente necessária e urgente.

As plantas medicinais - Os entrevistados demonstraram um vasto conhecimento sobre plantas do cerrado com potencial medicinal, manifestado através das diferentes experiências práticas do cotidiano. A vegetação é percebida como fonte vital para a Comunidade, sendo um importante componente da paisagem do Sítio Pindura. Pode-se observar que o uso de plantas como medicamentos é antigo, constituindo parte integrante da cultura local, que é mantida e perpetuada entre seus membros.

Nesta categoria de uso, foram catalogadas 122 espécies, distribuídas em 109 gêneros e 59 famílias botânicas (Tab. 2).

Entre as plantas medicinais, a família botânica com maior número de espécies citadas foi Fabaceae (17), seguida de Bignoniaceae (7), Rubiaceae (6) e Vochysiaceae(6).

Percebe-se que este saber sobre as utilidades da flora é dinâmico, sendo fortemente

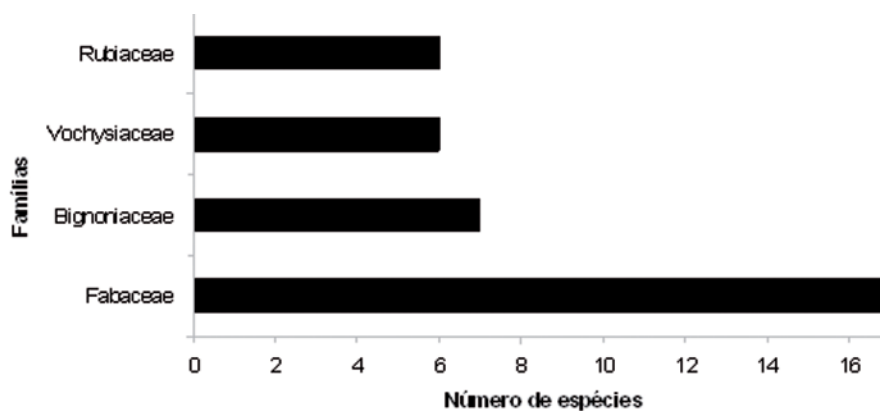


Fig. 2. Principais famílias botânicas e respectivo número de espécies usadas na medicina caseira pela Comunidade Sítio Pindura, Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil.

Tabela 2. Espécies do cerrado utilizadas na medicina caseira pela Comunidade Sítio Pindura, Mato Grosso, Brasil.

Nome vernacular	Espécies	Família	Parte utilizada	Forma de preparo	Aplicabilidade terapêutica
Acopará	<i>Rheedia brasiliensis</i> (Mart.) Planch. & Triana	Clusiaceae	Óleo	Cozido	Bronquite
Aguaçú	<i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng.	Areaceae	Castanha	Pó	Anemia
Algodão-do-campo	<i>Cochlospermum regium</i> (Schrank) Pilg.	Cochlospermaceae	Raiz	Chá, garrafada	Inflamação em geral, problema de próstata
Amburana	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	Fabaceae	Casca	Chá	Pneumonia
Amescica	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	Bursaceae	Casca	Chá	Gripe, dor de cabeça, luta da corrução *1
Ananás, ananazinho	<i>Ananas sativus</i> Schult. & Schult. f.	Bromeliaceae	Raiz	Chá	Bronquite
Angélica, tiborna	<i>Himatantlus obovata</i> (M. Arg.) Wood	Apocynaceae	Folha	Chá	Depurativo
Angico	<i>Anadenanthera falcata</i> (Benth.) Speg.	Fabaceae	Casca	Chá	Bronquite
Angiquinho	<i>Calliandra parviflora</i> Benth.	Fabaceae	Folha	Chá	Febre
Araçá	<i>Psidium firmum</i> O. Berg	Myrtaceae	Folha	Chá	Diabete
Arnica, arniquinha	<i>Camarea ericoides</i> A. St.-Hil.	Malpighiaceae	Raiz	Garrafada, chá, tintura	Infecção, machucadura, depurativo, dores musculares
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Anacardiaceae	Casca	Chá, xarope	Diarréia
Assa-peixe	<i>Vernonia ferruginea</i> Less.	Asteraceae	Folha	Chá	Gripe
Azedinha	<i>Oxalis hirsutissima</i> Mart. ex Zucc.	Oxalidaceae	Folha	Chá, banho	Diarréia, córdoi

Tabela 2. Continuação.

Nome vernacular	Espécies	Família	Parte utilizada	Forma de preparo	Aplicabilidade terapêutica
Barbatimão-vermelho	<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart.	Bignoniaceae	Casca, entrecasca	Molho, banho	Corrimento, inflamação
Barbatimão-amarelo; Faveira	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Fabaceae	Casca, entrecasca	Molho, banho	Corrimento, inflamação, dor de barriga
Batação	<i>Holostylis reniformis</i> Duch.	Aristolochiaceae	Raiz	Pó, doce	Derrame, purgativo, estomago, fígado
Birici, semaneira	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	Malpighiaceae	Casca	Banho	Cicatrizante
Birici, semaneira	<i>Byrsonima crassa</i> Nied.	Malpighiaceae	Casca	Banho	Cicatrizante
Bocaiuveira	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Arecaceae	Fruto	Cozido	Bronquite
Butua	<i>Cissampelos ovalifolia</i> DC.	Menispermaceae	Raiz	Chá	Estomago
Caiapiá, carapiá	<i>Dorstenia asaroides</i> Hook.	Moraceae	Rizoma	Chá	Depurativo, gripe
Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	Arecaceae	Semente	Maceração	Rins
Caiarãna	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	Meliaceae	Casca	Garrafada	Fortificante
Cajuzinho-do-campo	<i>Anacardium humile</i> A. St.-Hil.	Anacardiaceae	Raiz	Chá, banho	Diabete, inflamação
Calção-de-velho	<i>Cordia insignis</i> Cham.	Boraginaceae	Folha	Chá, garrafada	Dores em geral, reumatismo
Calunga	<i>Simaba ferruginea</i> A. St.-Hil.	Simaroubaceae	Raiz	Chá	Estomago, verme
Cambará-amarelo	<i>Vochystia divergens</i> Pohl	Vochysiaceae	Folha	Xarope	Gripe, tosse

Tabela 2. Continuação.

Nome vernacular	Espécies	Família	Parte utilizada	Forma de preparo	Aplicabilidade terapêutica
Caninha-do-brejo	<i>Costus arabicus</i> L.	Zingiberaceae	Rizoma	Chá	Rins
Capim-barba-de-bode	<i>Bulbostylis spadicifera</i> (H. B. K.) Kuk.	Cyperaceae	Planta inteira	Torrada ^{#2}	Fraqueza nas juntas
Capim-sapé	<i>Imperata brasiliensis</i> Trin.	Poaceae	Raiz	Chá	Incandescência
Capotão	<i>Salvertia convallariodora</i> A. St.-Hil	Vochysiaceae	Broto, casca	Chá	Diabete
Carandá	<i>Copernicia alba</i> Morong ex Morong & Britton	Arecaceae	Broto	Molho	Diarréia
Carobinha	<i>Jacaranda decurrens</i> Cham.	Bignoniaceae	Raiz	Garrafada, chá	Depurativo
Carrapicho	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Asteraceae	Planta inteira	Chá	Diabete
Carvão-branco	<i>Callisthene fasciculata</i> Mart.	Vochysiaceae	Casca, folha	Chá	Hepatite, incandescência
Cedro	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Meliaceae	Casca	Molho	Para galinha não adoecer
Chá-de-frade	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Flacourtiaceae	Folha	Chá	Anemia
Chapéu-de-couro	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schtdl.) Micheli	Alismataceae	Folha	Chá	Problema de rins
Chá-porrete	<i>Centaurium umbellatum</i> subsp. <i>austriacum</i> Ronn.	Gentianaceae	Raiz	Chá	Rins
Chico-magro	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Sterculiaceae	Folha	Cataplasma	Ferida, queimadura

Tabela 2. Continuação.

Nome vernacular	Espécies	Família	Parte utilizada	Forma de preparo	Aplicabilidade terapêutica
Cinco-folhas	<i>Serjania erecta</i> Radlk.	Sapindaceae	Rizoma	Garrafada	Depurativo
Cinco-folhas-do-campo	<i>Acosmium elegans</i> Vogel	Fabaceae	Folha	Chá	Depurativo
Cipó-chumbo	<i>Cassipouira filiformis</i> L.	Lauraceae	Folha	Chá	Gripe
Coroa-de-frade	<i>Discocactus heptacanthus</i> (Barb. Rodr.) Britton & Rose	Cactaceae	Planta inteira	Cataplasma	Íngua
Congonha, erva-molá	<i>Rudgea virbunioides</i> (Cham.) Benth.	Rubiaceae	Folha	Chá	Rins
Cumba	<i>Craniolaria integrifolia</i> Cham.	Martyniaceae	Fruita	Pó	Picada de cobra
Cumbaru	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Fabaceae	Casca	Maceração	Diarréia, cicatrizante
Douridão	<i>Palicourea rigida</i> Kunth	Rubiaceae	Folha	Chá	Rins
Douradinha	<i>Palicourea xanthophylla</i> M. Arg.	Rubiaceae	Folha	Chá	Rins
Embaúba	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Cecropiaceae	Casca e água* ³	Molho, in natura, dissolvido	Cicatrizante, diabete, dores musculares, dores na coluna
Erva molá	<i>Croton antisiphiliticus</i> Mart.	Euphorbiaceae	Folha	Chá	Rins
Erva-de-passarinho	<i>Psittacanthus</i> Mart.	Loranthaceae	Folha	Sumo	Sapinha
Figueira	<i>Ficus</i> sp.	Moraceae	Látex	Cataplasma	Verruga
Fruita do lobo	<i>Solanum lycocarpum</i> A. St.-Hil.	Solanaceae	Fruita verde	Doce	Fígado, hemorróida

Tabela 2. Continuação.

Nome vernacular	Espécies	Família	Parte utilizada	Forma de preparo	Aplicabilidade terapêutica
Gerbão	<i>Stachytarpheta dichotoma</i> (Ruiz & Pav.) Vahl	Verbenaceae	Folha	Macera, banho	Fígado
Gergilim-do-mato	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	Fabaceae	Casca	Maceração	Reumatismo
Gonçaleiro	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	Anacardiaceae	Casca	Banho	Gripe
Gravatá	<i>Bromelia balansae</i> Mez	Bromeliaceae	Raiz, fruta	Xarope	Bronquite, tosse
Hortelã-do-campo	<i>Hyptis cana</i> Pohl ex Benth.	Lamiaceae	Folha	Xarope	Gripe, verme
Insulina	<i>Cissus sicyoides</i> L.	Vitaceae	Folha	Chá (decoção)	Diabete
Ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Bignoniaceae	Casca	Garrafada	Batimento do coração
Japecanga	<i>Smilax goyazana</i> A. DC.	Smilacaceae	Água (tirar próximo do broto)	<i>In natura</i>	Dor-de-ouvido
Jatobá	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Fabaceae	Resina	Chá, xarope	Bronquite, gripe
Jequitibá, pilão-de-macaco	<i>Carimiana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	Lecythidaceae	Casca, raiz	Chá, banho, tintura	Inflamação, dor muscular
Lixeira	<i>Curatella americana</i> L.	Dilleniaceae	Folha, casca	Chá	Diarréia, luta da corruição

Tabela 2. Continuação.

Nome vernacular	Espécies	Família	Parte utilizada	Forma de preparo	Aplicabilidade terapêutica
Lixinha	<i>Davilla elliptica</i> A. St.-Hil.	Dilleniaceae	Folha	Chá	(preguiça), cicatrizante
João-da-costa	<i>Peixotoa hirta</i> Mart.	Malpighiaceae	Raiz	Chá	Cicatrizante, rendidura ^{*4}
Malva-branca	<i>Waltheria douradinha</i> A. St.-Hil.	Sterculiaceae	Planta inteira	Chá	Dor no corpo, reumatismo
Mama-cadela; algodãozinho	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	Moraceae	Raiz, casca	Chá, garrafada	Antibiótico, inflamação de mulher
Mamica-de-porca	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Rutaceae	Casca	Pó	Depurativo, rins
mama-de-porca					
Manacá	<i>Spiranthera odoratissima</i> A. St.-Hil.	Rutaceae	Raiz	Garrafada	Reumatismo
Mangaba, mangava	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Apocynaceae	Látex	<i>In natura</i> ^{*5} , cataplasma	Diabete, rendidura
Mangava-brava	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Lythraceae	Casca	Molho	Estomago
Mão-de-anta	<i>Cybistax antiispyhilitica</i> (Mart.) Mart.	Bignoniaceae	Folha	Banho	Malina ^{*6}
Maquiné	<i>Zamia boliviana</i> (Brongn.) A. DC.	Cycadaceae	Raiz	Chá, pó	Diarréia
Marcela	<i>Achyrocline saturoides</i> DC.	Asteraceae	Folha	Chá	Vomito, diarréia

Tabela 2. Continuação.

Nome vernacular	Espécies	Família	Parte utilizada	Forma de preparo	Aplicabilidade terapêutica
Marmelada-bola	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich. ex DC.	Rubiaceae	Folha	Chá	Gripe
Marmelina	<i>Alibertia verrucosa</i> S. Moore	Rubiaceae	Casca	Chá	Rins
Milho-de-cobra	<i>Taccarum weddellianum</i> Brongn. ex Schott	Araceae	Rizoma	Cataplasma	Picada de cobra
Morcegueira	<i>Andira cuyabensis</i> Benth.	Fabaceae	Fruto	Pó	Verme
Negramina (quente)	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Siparunaceae	Folha	Banho	Malina
Nó-de-cachorro	<i>Heteropterys aphrodisiaca</i> O. Mach.	Malpighiaceae	Raiz	Chá, <i>in natura</i>	Rins
Paininha (3 folhas peq.)	<i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zucc.) A. Robyns	Bombacaceae	Raiz	Chá	Hemorróida
Para-tudo, paratudinho	<i>Gomphrena officinalis</i> Mart.	Amaranthaceae	Raiz	Chá, banho	Dentição
Pata-de-vaca (cabeluda)	<i>Bauhinia rufa</i> (Bong.) Steud.	Fabaceae	Folha, raiz	Chá	Diabete
Pata-de-vaca (lisa)	<i>Bauhinia</i> sp.	Fabaceae	Folha	Chá, banho	Derrame
Paratudinho	<i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standl.	Bignoniaceae	Casca	Chá	Febre, tosse
Pau-de-bicho (capitão-do-mato)	<i>Terminalia argentea</i> Mart.	Combretaceae	Raiz	Chá	Diarréia

Tabela 2. Continuação.

Nome vernacular	Espécies	Família	Parte utilizada	Forma de preparo	Aplicabilidade terapêutica
Pau-doce	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	Vochysiaceae	Casca	Molho	Problema de vista (Lavar os olhos), diarreia
Pau-d'óleo	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Fabaceae	Casca, óleo	Chá, diluído em água	Bronquite, coluna, gripe
Pau-de-alho	<i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms	Phytolaccaceae	Casca	Chá, banho	Derrame
Pau-terra	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	Vochysiaceae	Fruto	Melado	Friera
Pau-terra	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	Vochysiaceae	Casca, broto	Chá	Estomago, insônia, diarreia
Pente-de-macaco	<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl.	Tiliaceae	Raiz	Tintura	Dor muscular
Pinduva	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	Annonaceae	Casca	Chá	Coração (batedeira)
Piqui	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess	Cayocaraceae	Folha	Banho	Inflamação
Purga-de-lagarto	<i>Jatropha elliptica</i> (Pohl) Oken	Euphorbiaceae	Raiz	Chá	Purgante
Queiroba	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc	Arecaceae	Palmito	Assado	Fígado
Quina	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Loganiaceae	Casca	Maceração	Anemia, queda-de-cabelo
Rabo-de-caxinganga	<i>Phlebodium decumanum</i> (Willd.) J. Sm.	Polypodiaceae	Rizoma	Chá, Xarope, pó	Incandescência, tiriça ³⁷ , hepatite
Raiz-de-bugre	<i>Byttneria melastomifolia</i> A. St.-Hil.	Sterculiaceae	Raiz	Chá, garrafada	Infecção de garganta, reumatismo

Tabela 2. Continuação.

Nome vernacular	Espécies	Família	Parte utilizada	Forma de preparo	Aplicabilidade terapêutica
Rosquinha, saca-rolhas	<i>Helicteres sacarolha</i> A. St.-Hil., A. Juss. & Cambess.	Sterculiaceae	Raiz	Chá, garrafada	Depurativo, mulher resguardo
Ruibarbo-do-campo	<i>Trimezia juncifolia</i> Klatt	Iridaceae	Casca	Chá, pó	Depurativo
Salsa-do-mato	<i>Herreria salsaparrilha</i> Mart.	Bignoniaceae	Folha	Chá	Depurativo
Sangra-d'água	<i>Croton urucurana</i> Baill.	Euphorbiaceae	Casca	Chá	Inflamação
Sene	<i>Chamaecrista desvauxii</i> (Collad.) Killip	Fabaceae	Folha	Chá (decoção)	TPM, incomodo de senhora
Sete-sangria	<i>Euphorbia hyssopifolia</i> L.	Euphorbiaceae	Planta inteira	Chá	Afina o sangue
Siputá	<i>Salacia elliptica</i> (Mart. ex Schult.) G. Don	Hippocrateaceae	Folha	Chá	Diabete
Sucupira, fava	<i>Pterodon pubescens</i> (Benth.) Benth.	Fabaceae	Fruto	Chá, garrafada, maceração	Gripe, infecção
Sussuara	<i>Orthopappus angustifolius</i> (Sw.) Gleason	Asteraceae	Planta inteira	Chá	Gripe
Tapera-velha	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Lamiaceae	Folha, raiz	Chá, banho	Rins
Tarumã	<i>Vitex cymosa</i> Bertero ex Spreng.	Verbenaceae	Casca, broto	Pó	Hemorróida
Timati	<i>Myrcia albotomentosa</i> DC.	Myrtaceae	Entrecasca	Cataplasma	Dor de dente

Tabela 2. Continuação.

Nome vernacular	Espécies	Família	Parte utilizada	Forma de preparo	Aplicabilidade terapêutica
Timbó-mirim	<i>Serjania caracasana</i> (Jacq.) Willd.	Sapindaceae	Rizoma	Chá	Secante de feridas
Tripa-de-galinha, cipó-tripade-galinha	<i>Bauhinia glabra</i> Jacq.	Fabaceae	Caulo, raiz	Chá	Diarréia
Urtiga, juá	<i>Solanum viarium</i> Dun	Solanaceae	Espinho	Cataplasma	Zipela* ⁸
Velame	<i>Macrosiphonia velame</i> (A. St.-Hil.) Müll. Arg.	Apocynaceae	Raiz	Maceração	Depurativo
Veludo-branco	<i>Guettarda viburnioides</i> Cham. & Schl.	Rubiaceae	Casca	Chá	Dor nas cadeira, rins
Verga-tesa, alecrim-do-campo	<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld & J.F. Souza	Bignoniaceae	Planta inteira	Maceração	Hipertensão, coração (batedeira)
Vinhático	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	Fabaceae	Casca	Garrafada	Reumatismo, hemorroída
Ximbuva	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	Fabaceae	Casca	Chá, banho	Hemorroída

*1. Luta da corrução – "...É uma moleza que dá no corpo, uma preguiça que agente só quer ficar deitado, dá iní febre, parece que a gente ta gripado..."

*2. Torrada - processo de secagem da planta no fogão à lenha.

*3. Água da planta – consiste em fazer um furo no caule da planta (no fim da tarde) e colocar uma vasilha para aparar a água até a madrugada do dia seguinte.

*4. Renditura – "... esse dá em menino, é quando o saco fica rendido e vai caindo, se não cuida morre..."

*5. In natura – consiste em dissolver gotas do látex da mangabeira em água.

*6. Malina – "É uma dor de cabeça que doi lá no miolo, é muito perigosa, tem de cuida, quem trabalha muito no sol quente fica mais doente, porque o sol dá essa

quentura na cabeça, mas aqui tem gente que benze contra quentura..."

*7. Tiriça – "...É um amarelão que dá no corpo, e dá um desconforto e uma dor no pé da barriga..."

*8. Zipela – "... é uma vermelhidão que dá na pele, e dói muito..."

transmitido através da oralidade, residindo aí também um dos motivos da importância do registro escrito deste conhecimento, necessário para a manutenção de um saber local consolidado no cotidiano das vivências e experiências humanas. Os entrevistados demonstraram grande respeito aos poderes curativos das plantas, como abaixo transcrito:

“... todas as plantas deve ter alguma serventia, deve servir como remédio pra curar alguma doença, agente que não sabe, se tá aqui é porque é boa e servem pra alguma coisa...” (mulher, 76 anos).

Entre os entrevistados, cada espécie possui uma forma de uso, que envolve desde a parte coletada até a forma e período do dia e estação a ser colhida:

“... para tirar a água da embaúba tem que fazer pra tirar a água da embaúba tem que fazer

um furo de tardinha na casca, e colocar uma vasilha pra aparar a água, e só tirar cedinho, tem de ser no inicio da seca que é quando tem mais água...” (mulher, 69 anos).

As principais partes das plantas citadas para o preparo de remédios caseiros foram a casca, a folha e a raiz (Fig.3).

Sobre este aspecto, Pasa *et al.* (2005) também apontaram a casca, a raiz e a folha como as partes mais usadas pela Comunidade de Conceição-Açu, em Cuiabá, Mato Grosso.

Morais (2003) salienta que o uso de folhas no preparo dos chás é expressivo, destacando-se das demais partes das plantas usadas na Comunidade do Sítio Angical, comunidade também do município de Rosário Oeste.

È sabido que as plantas possuem diferentes concentrações de compostos químicos em

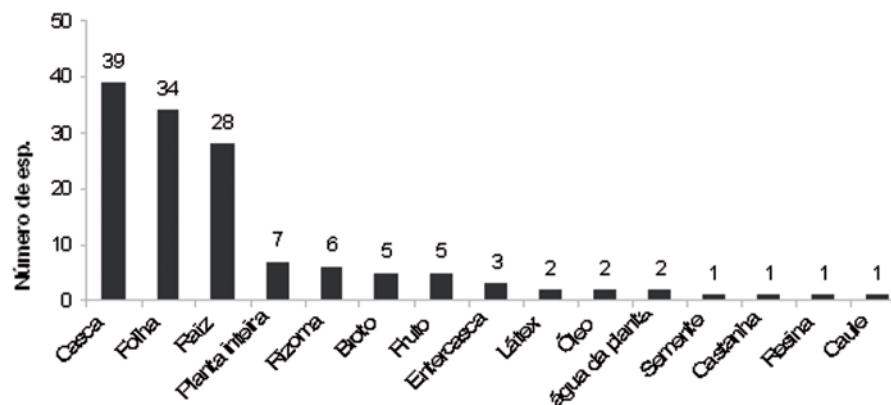


Fig. 3. Partes das plantas usadas na medicina caseira na Comunidade do Sítio Pindura, Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil.

suas partes. Ao longo do tempo foi desenvolvido um conhecimento que permitiu ao ser humano conhecer quais partes são mais úteis para uma dada finalidade. Pode-se concluir que a utilização das folhas como remédio pode ser vista como uma estratégia de manejo, coletando um órgão que não comprometerá o desenvolvimento da planta. Em contrapartida, houve destaque para a utilização de cascas e raízes, partes que se coletadas sem cuidados podem colaborar para o comprometimento das espécies:

“...A arniquinha, só usa a raiz, aí agente põe no álcool, na garrafada ou faz o chá, mas hoje tá mais difícil de encontrar, têm uns lugares que eu sei que tem, mas o povo que mora praquelas banda tira muito...” (mulher, 76 anos).

Foram mencionadas pela população local, várias formas de utilização das plantas, sendo que a mais expressiva foi o chá, com

43%, no entanto outras formas também foram citadas (Fig. 4).

Através da bibliografia analisada para esta pesquisa, podemos apontar que ainda há grande carência de estudos voltados para a identificação de espécies com potencial medicinal no cerrado. Portanto, faz-se necessária a realização de pesquisas como esta, para que possibilitem subsidiar posteriores estudos, como por exemplo, das qualidades terapêuticas destas plantas, antes que o conhecimento e as espécies desapareçam.

Etnoclassificação: como a comunidade percebe o ambiente circundante - o conhecimento sobre a biodiversidade do cerrado estabelece-se pela transmissão cultural processada pela relação cotidiana da Comunidade, e a forma como percebe os recursos vegetais a sua volta é manifestado através de suas experiências práticas.

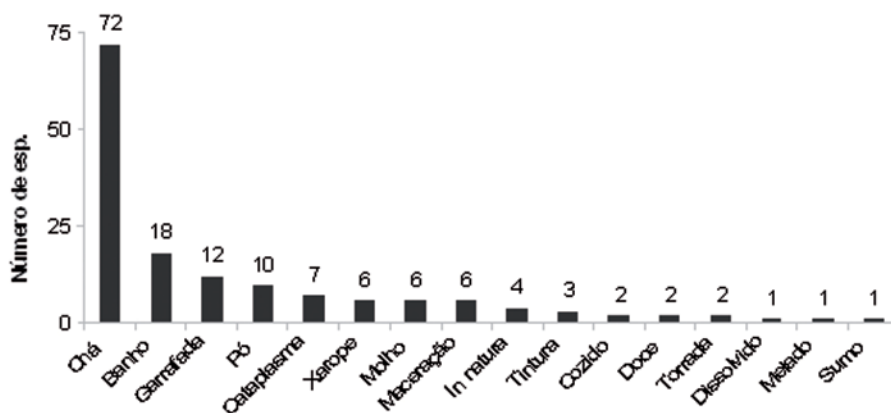


Fig. 4. Principais formas de uso das plantas usadas na medicina caseira na Comunidade do Sítio Pindura, Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil.

A identificação dos vegetais geralmente se dá pela percepção visual, tátil e olfativa treinada através da observação da flora. A tabela 3 resume como são classificados e sistematizados aspectos relacionados às plantas, em relação a uma classificação eticista (pela Ciência) e emicista (pela Comunidade).

Os moradores da Comunidade Sítio Pindura identificam as espécies vegetais através de seus nomes populares, usando principalmente as partes foliares, os caules e frutos para

esse reconhecimento. O que expressa o valor da planta para a população é a sua utilidade, assim as espécies com maior número de usos são mais valorosas.

Analisando e utilizando os dados referentes à fisionomia da vegetação local, e partindo da percepção e classificação oral da comunidade estudada, podemos indicar, com relação às unidades de paisagem do cerrado, seis tipos de fisionomias: “Cerrado de pedra”, “Cerrado de areia”, “Mata”, “Várzea”, “Chapada” e “Campo” (tabela 4).

Tabela 3. Sistema perceptivo e classificatório: etnotaxonomia das espécies vegetais.

COMPONENTE ÉTICO	COMPONENTE ÊMICO
Súber	Casca – “... A mangava-brava agente conhece pela casca, é aquela que tá sempre descascando...”
Tronco	Pau – “...O cumbaru é fácil de sabe, é só olha o pau dele que nunca mais esquece quando ver outro...”
Pigmentação	Cor – “... Muitas plantas tem cor diferente, igual o barbatimão que tem dois, um é da casca amarela e o outro é do vermelho...”
Folha	Forma da folha – “... Essa planta aqui chama mão de anta, sabe por quê? A folha é iguazinha uma mão de anta...” Cheiro – “... a negramina agente sabe qual é só pelo cheiro, vê o tanto que fede...”
Composição química	Planta quente – “... as plantas quentes dão calor, quando tá com gripe ou resfriado tem que tomar remédio de planta quente, mas depois que toma não pode sair na friagem e nem tomar banho frio, essas são perigosa, tem que ter dieta se toma...” Planta fria – “... essas planta fria são fresca, num pode nem pensar em tomar ela se tiver gripado, faz um mal que só vendo, essas planta tira o calor, é bom tomar quem tá com febre...”

Tabela 4. Sistema perceptivo e classificatório: etnotaxonomia das unidades de paisagem.

TIPOLOGIA TRADICIONAL	TIPOLOGIA FOLK
Unidades de Paisagens	
CERRADO (s.s.) - Formado por espécies subarbustivas e herbáceas, inclinadas, tortuosas, com ramificações retorcidas. As plantas lenhosas são entremeadas por gramíneas.	CERRADO de PEDRA - “... no Cerrado de pedra as plantas são baixas, bem tortas e com bocado de capim, tem bastante lixeira (.....), Capotão (.....), semaneira (.....), pau-terra (.....) Timatí (....), acoita-cavalo (.....) e Magabeira (.....)”
CERRADO de AREIA – cerrado de solo arenoso, em geral com poucas plantas lenhosas e com herbáceas aparentes.	CERRADO de AREIA - “... o Cerrado de Areia é aquele que tem muita areia, e as planta que mais tem é babaçu (.....) e tucum(.....), tem pouca plantas de outras qualidade, mais é esses que dá coquinho...”
CERRDÃO e MATA CILIAR - Formado por arvores mais altas, mais eretas, com espécies de Cerrado (s.s.) e Cerrado (l.s.).	MATA – “... Esse tem as plantas mais altas, a fava-preta (.....), o carvão-branco (.....), o carvão-vermelho (.....), o vinhático (....) e jequitibá (....) ...”
VEREDA – O buriti (.....) é uma espécie emergente nesta unidade e apresenta solo hidromórficos, saturado a maior parte do ano.	VARZEA – “...A várzea é aquele ali do fundo do quintal, que tem os buriti (.....) e fica um alagado, lá tem bastante hortelã-da-várzea ...”
CERRADO RUPESTRE – com herbáceas, lenhosas e em altitude, em morrais (elevações).	CHAPADÃO – “... Nesses chapadão tem bastante morro, esse aí da Serra do Marzagão é um chapadão, tem bastante Timatí (....) e pau-terra (.....) ...”
CAMPO – Estrato predominante herbáceo-arbustivo, com baixa estatura, com uma densa camada de gramínea.	CAMPO – “...É no campo que agente deixa o gado porque tem muito capim e pouca arvore, bem ralo que mato lá...”

No estudo sobre caracterização das unidades de paisagens do cerrado foi observado que os membros da comunidade usam a palavra “mato” para designar a vegetação. Então, quando se pergunta: “quais os tipos de mato que tem por aqui?”, eles indicam: “cerrado”, “mata”, “várzea”, “chapadão” e “campo” para distinguir os tipos de vegetação, classificando o cerrado em dois tipos: “Cerrado de pedra” e “Cerrado de areia”.

A relação com o meio ambiente está aliçada na subsistência e no uso de diferentes tipos de unidades de paisagem e sua integração com a natureza proporciona várias práticas e atividades, de forma a maximizar o uso desses ambientes, como a extração e coleta dos recursos vegetais, pesca, caça, agricultura e pecuária de pequena escala.

CONCLUSÃO

A Comunidade do Sítio Pindura demonstrou um profundo conhecimento do cerrado, experimentado através da convivência, observando-o de perto e explorando suas potencialidades no cotidiano. Desta maneira a vegetação que os cerca desempenha um papel importante na sobrevivência desta Comunidade.

A Comunidade do Sítio Pindura possui um histórico cultural de interações com o ambiente cerrado, sustentada por um saber ecológico local, pois manejam e conservam os fragmentos de cerrado que servem como fonte direta de recursos naturais para Comunidade, de onde se obtém remédios, frutos comestíveis, lenhas e madeiras que são úteis e exploram ainda a possibilidade de criação de gado doméstico.

Este saber sobre os recursos vegetais do cerrado é fruto de suas adaptações e interações com o ecossistema, conhecimento adquirido por meio de observações e experimentação, que gera um saber ecológico que é materializado em suas práticas cotidianas.

A Comunidade desenvolveu ao longo do tempo uma multi-utilização do ambiente e mais precisamente do cerrado, manipulando a paisagem natural, mas mantendo a heterogeneidade de habitat e maximizando o uso da variabilidade biológica.

O multiuso que fazem do cerrado proporciona adaptações às condições ambientais e às variações sazonais, requerendo um manejo adaptativo ecológico de forma que desenvolveram um profundo conhecimento dos recursos e de seus ciclos ecológicos de renovação.

Assim, podemos caracterizar essa Comunidade como tradicional, com base nas condições de tempo de vivência, adaptabilidade à região e à manutenção de saberes e fazeres peculiares, demonstrando que o ambiente e mais precisamente a utilização das plantas convergem para a sustentabilidade das atividades tradicionais desenvolvidas pelos seus membros, homens e mulheres, seres humanos perfeitamente ajustados às paisagens regionais.

AGRADECIMENTOS

A primeira autora agradece a CAPES pela Bolsa concedida. Agradecemos ainda ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, pelo apoio financeiro ao Projeto e à comunidade pela

colaboração na pesquisa. Ainda, à Profa. Dra. Carmen E. Rodriguez Ortiz pelo resúmen.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agostini-Costa, T. da S.; Silva, D.B. da; Vieira, R.F.; Sano, S.M. & Ferreira, F.R., 2006. "Espécies de maior relevância para a região Centro-Oeste". In: *Frutas nativas da região Centro-Oeste. Brasília*. EMBRAPA. Recursos Genéticos e Biotecnologia.
- Aguiar, L.M.S. & Camargo, A.J.A., 2004. *Cerrado: ecologia e caracterização*. Brasília: EMBRAPA.
- Almeida, S.P. de & Silva, J.A., 1994. *Piqui e buriti – importância alimentar para populações dos cerrado*. Planaltina (DF): EMBRAPA/CPAC.
- Almeida, S.P. de; Proença, C.E.B.; Sano, S.M. & Ribeiro, J.F., 1998. *Cerrado: espécies vegetais úteis*. Planaltina (DF): EMBRAPA/CPAC.
- Alexiades, M., 1996. *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*. New York: The New York Botanical Garden.
- Becker, H.S., 1993. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Ed. HUCTEC.
- Campos, M.D'O., 2002. "Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e praticas?" In: Amorozo, M.C.M. et al. *Métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia, Etnoecologia e disciplinas correlatas*. Rio Claro: UNESP/CNPq.
- Coutinho, L.M., 1978. "O conceito de Cerrado". *Revta. brasil. Bot.*, **1**: 17-23.
- Duarte, T.G., 2001. *Um estudo etnoecológico sobre o uso de recursos vegetais em Nova Xavantina, Mato Grosso*. 134f. 2001 Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade) – Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: Mato Grosso.
- Eiten, G., 1972. "The cerrado vegetation of Brazil". *The Botanical Review*, **38**: 210-341.
- Ferreira, J.C.V., 2001. *Mato Grosso e seus municípios*. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação/Ed. Buriti.
- Geertz, C.O., 2000. *Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes.
- Guarim Neto, G., 1984. "Plantas medicinais utilizadas na medicina popular cuiabana- um estudo preliminar". *Rev. Universidade*, **4**(1): 45-50.
- , 1985. "Espécies frutíferas do cerrado Matogrossense (I)". *Boletim da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza*, **20**: 46-56.
- , 1987. *Plantas utilizadas na medicina popular do Estado de Mato Grosso*. Brasília: CNPq.

- Guarim Neto, G., 1996. *Plantas medicinais do Estado de Mato Grosso*. Brasília, ABEAS.
- , 2001. “Flora medicinal, populações humanas e o ambiente de cerrado”. *Horticultura brasileira*, **19**: 203-206.
- Guarim Neto, G. & Morais, R.G. de., 2003. “Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico”. *Acta Bot. Bras.*, **17**(4): 561-584.
- Guarim Neto, G.; Guarim, V.L.M.S.; Moreira, D.L.; Amaral, C.N. do & Ferreira, H., 2007. *Estudo da flora, caracterização da vegetação e etnobotânica no Município de Rosário Oeste, Mato Grosso*. subsídios para conservação dos recursos vegetais em Cerrado. Cuiabá. UFMT/CNPq. Relatório final apresentado ao CNPq.
- IBGE., 2000. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico ano 2000*. Brasília: IBGE.
- Kaplan, M.A.C.; Figueiredo, M.R. & Gottlieb, O.R., 1994. “Chemical diversity of plants from Brazilian Cerrados”. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, **66**(Supl. 1-parte I): 50-55.
- Martin, G.J., 1995. *Ethnobotany. a methods manual*. London: Chapman & Hall.
- Mendonça, R.C. de; Felfili, J.M.; Walter, B.M.T.; Junior, M.C.S.; Rezende A.V.; Filgueiras, T.S. & Nogueira, P.E., 1998. “Flora vascular do cerrado”. In Sano, S. M. & Almeida, S. P. *Cerrado: Ambiente e flora*. Planaltina (DF): EMBRAPA.
- Miranda, L. & Amorim, L., 2000. *Mato Grosso: atlas geográfico*. Cuiabá: Entrelinhas.
- Myers, N.; Mittermeier, R.A.; Mittermeier, C.G.; Fonseca, G.A.B. & Kents, J., 2000. “Biodiversity hotspots for conservation priorities”. *Nature*, **403**: 852-858.
- Morais, R.G., 2003. *Plantas medicinais e representações sobre saúde e doenças na Comunidade de Angical (Rosário Oeste, MT)*. 153f. 2003 (Dissertação de Mestrado em Saúde e Ambiente – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: UFMT.
- Noda, H., 2000. *Na terra como na água: organização e conservação de recursos terrestres e aquáticos em uma comunidade da Amazônia brasileira*. 182f. 2000 (Tese de Doutorado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade)-Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: UFMT.
- Pasa, M. C.; Soares, J.J. & Guarim Neto, G., 2005. “Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá-Açu, MT, Brasil)”. *Acta bot. Bras.*, **19**(2): 195-207.
- Posey, D.A., 1987. “Etnobiologia: teoria e prática”. In: Ribeiro, B. *Suma etnobiológica Brasileira*. vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. Petrópolis.

- Proença, C.; Oliveira, R.S. & Silva, A.P., 2000. *Flores e frutos do cerrado*. Brasília: EdUnB.
- Ratter, J.A.; Ribeiro, J. F. & Bridgewater, S., 1997. "The brazilian cerrado vegetation and threats to its biodiversity". *Annals of Botany*, **80**: 223-230.
- Ribeiro, J.F.; Fonseca, C.E.L. & Sousa-Silva, J.C., 2001. *Cerrado: caracterização e recuperação de matas de galeria*. Planaltina (DF): EMBRAPA.
- Ribeiro, J.F. & Walter, B.M.T., 1998. "Fitofisionomias do bioma cerrado". In Sano, S.M. & Almeida, S.P. *Cerrado: Ambiente e flora*. Planaltina (DF): Embrapa.
- Siqueira, J.C., 1981. *Utilização popular das plantas do cerrado*. São Paulo: Ed. Loyola.
- Thiollent, M., 1994. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.
- Van Den Berg, M.E., 1980. *Contribuição a flora medicinal do Estado de Mato Grosso*. Ciência e Cultura. Suplemento. VI Simpósio de plantas medicinais do Brasil. pp. 163-170.
- Vieira, R.F. & Martins, M.V.M., 2000. "Recursos Genéticos de Plantas Medicinais do Cerrado: uma compilação de dados". *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, **3**(1): 13-36.
- Xavier, F.F., 2005. *Conhecimento ecológico tradicional e recursos vegetais em Nossa Senhora da Guia, Cuiabá-Mato Grosso*. 89f. 2005 (Dissertação de Mestrado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade) - Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: UFMT.

Recibido: 18 enero 2008. Aceptado: 7 enero 2009.